

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

O baile da libra alta

Aspectos duma festa palatina — Das salas da Ajuda ao atrio — Os vultos e as estatuas — A madrugada do "raout", — As armas... As armas..

Naquela noite houvera um *raout* — uma festa à inglesa — no palacio da Ajuda. Assistiam seiscentas pessoas. Era em janeiro; nevava, fazia cinco anos que se proclamára a monarquia no Porto, e cada libra custava cento e quarenta e tres mil réis. Como se uma grande felicidade reinasse, na sala da Ceia, vasta, scintilante, os convidados escarafunchavam os dentes com os palitos das *sandwichs* e dos *croquettes*. Um exalações de multidão bem repastada aqueciam o salão de emanações escapas de ventres atufados, e aquela gente, em suas casacas, fardas, togas, fulgurantes de comendas, mostrava as faces incendiadas, vermelhuscas, marmava charutos enormes, quebrando a cinza sobre os peitinhos, saltitava, falava alto, ria, numa alegria de feira franca sob os tectos altos do velho paço real. De quando em quando, uma bâtega rija fustigava as vidraças e algum, mais lido em cronicas, de lingua entaramelada, lembrava os tiros disparados numa madrugada de maio — havia cincoenta e tres anos — pelos rebeldes de Saldanha, contra aquelas paredes historicas.

Fremitava-se num arrepio; os uniformes dispersavam-se e corria um minuto de silencio, como se passassem, zumbidoras, as balas do marechal:

— Ó coiso, não fales em coisas tristes... e, num cambaleio de maré agitada, em barco minguado, o diplomata coberto de oiro, fundilhado de oiro, avançou para a bandeja onde as taças deixavam morrer a espuma do champagne.

As senhoras decotadas, com brilhos desusados nos olhos, deixavam seu rastro perfumado cortando o cheiro dos charutos, dos arrotos, dos rompimentos, do suor e da naftalina das casacas borrifadas a Farina de contrefacção. Elas atravessavam, pisando de vagar, com ares hirtos, enquanto elles escorregavam no encerado dos soalhos emalhetados, nas suas expansões ebuefestivas, as mãos molhando de suor as luvas claras, os olhos

piscando às luzes. Algumas das damas arvoravam melancolias, olheiras; mal de digestão numas, noutras mal de espirito. É que as mulheres — sejam duquesas ou costureiras — possuem, como as aves, o instinto das tempestades distantes.

Uma luz acinzentada, tristonha, vaga, nascia no dealbar de domingo e diante da fachada acesa do palacio enorme passava povoleu com saquites, mulheres, crianças, patinando na lama, homens encolhidos em gabardos rotos, velhinhas trêmulas, bafucando tamancos, e que iam para as bichas das portas das padarias, à cata do pão negro, desabelhadas do Casalinho, do Caramão, dos patios, dos albergues, naquela difusa madrugada, nevoenta, gélida, entenebrecida. Levantavam olhos tímidos para as vastas vidraças e uma voz irritada, surpresa, amaldiçoante, grito de sentinela avançada na trincheira, berrava:

— Ha cinco anos vencidos... ali no Monsanto... no Porto... Agora festejam a derrota... É o rei... Veiu o rei... Só êle e a sua gente podiam fazer essas festas com o pão tão caro... Foram sempre assim e... Venceram...

E, num gesto sacudido, fero, democrata, assestado para o paço, diante dos automóveis luzidios sob a chuva, das capas brilhantes dos *chaufeurs*, perante as tropas abrigadas rente ao muro, agressor para as brancas estatuas sob as abobadas altas, gritou: Viva a republica!...

Julgava que se sacrificava, que iam cair sobre êle as espadas dos soldados e oferecia-se às balas, enquanto a massa enegrecida, na madrugada triste, chapinhava na lama.

Resoou um tropel, os lanceiros, de bandeirolas enroladas nas hastes das lanças, no pegamaço da chuvinha, abriram alas e o som da *Portuguesa*, as dolencias dêsse fado melancolico duma raça infeitiçada, subiu, numa saudação, encheu os ecos do atrio, atroante no bater dos pratos sob o abobodado realengo. O senhor ministro da Inglaterra encarrancára e o senhor presidente da republica, sorridente, embuçado em sua peliça, a barbicha faunica tremula, no queixo, passava a lingua nos labios, molhava-os numa salivação de goso.

O homem calára o seu viva, encolhera-se, pasmára e a malta de pés humididos seguiu seu caminho do Cruseiro, onde ia em procura do pão. Rolou a carruagem de gala, esparrinhando lama, entre a escolta, sob um chuva, brilhante, pomposa, pela alameda, onde as arvores, batidas da luz das janelas palafinas, ressaíam fulgurantes.

Os convidados vinham descendo, tilintando espadas, embrulhando-se nos abaços, num vagar, numa lentidão, e cabeças, embiocadas em mantilhas claras, rostos palidos de senhoras destacavam mais na onda vermelha dos afoqueados rostos, endugradadas na escadaria, ladeada por guardas republicanos, de espadas perfiladas. Cacarejavam os risos, faziam-se apêlos, chamadas, interpelações e aquilo que quizera ser um *raout* — uma festa à inglesa — terminava diante da lama do largo, numa balburdiante desfilada.

Gritava-se pelas carruagens dos senhores e um dêles, antigo *chaufeur*, como se acordasse em suas pompas, num retôrno ao passado humilde, levava a mão à testa e dizia respeitosamente: Pronto, meu amo... Isto vai a 9...

Sapateiros, praticantes de botica, cabos de esquadra transformados em directores gerais, politicos, generais, caixeirotos alçados à governação, arrotavam e piscavam os olhos às estatuas como a hetairas. A parte

séria daquele desmanchar de feira burguesa, de kermesse de primitivos, levantava as golas das capas às suas senhoras para lhes tapar ou ouvidos. A turba bem comida, aqueles seiscentos convidados, do exercito, das secretarias, dos tribunais, da diplomacia, gargalhava, apostrofava-se, atropelava-se,

— É tão tarde... gemia uma senhora ensonada a despertar no empurrão, nas emanações das intoxicações etilicas; e ao lado, numa franquessa, um que trazia a gran cruz de Cristo a barrar-lhe o peito, volveu:

— Cá para mim, é a hora do costume... Nunca saio mais cedo da minha repartição da roleta...

Para se entreter, pôs-se a soletrar as legendas das estatuas claras que ornamentavam as arcarias do palacio, e, daí a pouco, rebentou a risada, num contágio, num berreiro. Olha a *Gratidão*... Olha a *Inocencia*... Olha a *Honestidade*... Olha o *Decôro*... Onde elas estão asiladas...

Um aplauso intenso, vivo, formidável, colectivo, ecoava em frente dos vultos das figuras trabalhadas por Machado de Castro, Amatuci e Viegas, e, num vozear mais forte, alguém troçou:

— Isto são pêcegas da monarquia... É preciso deitar abaixo esses bonecos... Olha o *Amor da Virtude*... Olha o *Amor da Patria*... Sêta... Eles que eram uns reacionarios... Abaixo... Abaixo... Num cambaleio mais largo, a amparar-se ao sóclo, abriu bôca e um primeiro vomito jorrou roxo e azedo para o pedestal da *Honestidade* e salpicou o *Decôro*...

As carruagens aproximavam-se, num bater de portinholas, alçavam-se os fardalhões para as banquetas, e, pouco a pouco, num arrastar de pés, num vozear cada vez mais intenso, aquela turba foi subindo e a manhã desembaraçou-se mais de suas nuvens.

Nos cantos do pateo das estatuas ficára o sinal da sua passagem; aguas vertidas em rios amarelados, fedendo, brotavam numa baforada amoniacal e os montes arroxeados espaçavam-se, como a etaparem mostos de estomagos perturbados, atochamentos, gulas, delirios de bem comer. Havia quem tivesse devolvido *croquettes* inteiros a boiarem e as escorrencias, marcando uma bicha de indigestões.

Os primeiros vendedores de jornais achegavam-se pasmados e os ultimos convidados arrancavam-lhes os periodicos, enegreciam as luvas no desbotar da impressão e entravam a procurar os seus nomes na lista longa dos convidados para aquele presidencial *raout*. Alguns irritavam-se, praguejavam, doestavam a imprensa.

— Esses pulhas dos jornalistas... Eu, que sou plenipotenciario, atraz dos tipos da Alfandega... Olha a tola da mulher do Pangaio ao lado da ministra... Raça de adesivos... Eu se apanhasse agora o tipo... E que lampaneiros... Libras a 143\$000 réis... Não ha mentira maior... Bolas... Estão a desacreditar a republica...

De comendas fulgurantes, a farda bordada abotoada nas casas do sobretudo alvadio, o protestante ameaçava as estatuas e soltava o seu riso pegoso, repellido, fêcal, em exalações:

— Olha a *Prudencia*... Olha a *Generosidade*... Olha a *Acção da Virtude*... Fóra talassas... Fóra... fóra...

A sua voz subia, berrando os seus protestos, que os ecos repetiam de arcada em arcada até ao cemiterio. Fóra! Fóra!...

Pois sim, mas venham lá os dois *camochos*, que a libra está a dusetos quilolitros... atalhou o rapaz, e êle, acabando de barafustar, a endireitar-se, atirou-lhe cinco mil réis:

— Ó colega... Que bem que falas...

Num gesto gaiato, o vendedor pediu-lhe, de barrete na mão, sob aquele riso ebrio:

— Ó das medalhas... Põe lá um pé no ar... Agüenta-te, ó da ceia da libra alta?...

Assim partiu, num trem, de batida, atafulhando o charuto esmagado na boca, o ultimo convidado, e, sob as arcarias, as sentinelas desviavam-se, enquanto os bombeiros não chegavam com as agulhetas a lavar o atrio onde os soldados escorregavam nas restituções daquele banquete na noite de janeiro, regelante, sacudida de rajadas e quando a libra subira numa rapidez tão estranha como a nuvem que se desfaz num trovão a prevenir os homens incautos.

O povo murmurava e o dito do garoto passava de boca em boca: Fôra a ceia da libra alta.

No seu leito real do palacio de Belem o presidencial anfitrião deixára-se vencer pelo sono. Despira-se apressadamente; aos pés da cama estavam as calças enrodilhadas e mal pendurada num biombo a casaca de Londres desasava-se sob a banda das Tres Ordens, quasi a cair dentro dum vaso. Cerrára os olhos numa beatitude de quem cumprira um grande dever, o dormente dessa manhã, após as galas e quedava-se num bem estar, feliz, agasalhado, a barbicha alva roçando o linho das roupas. Depois começou a revolver-se no leito, a entrever fisionomias estravagantes, os seus convidados sarabandando e sentia-se num volteio, levado não sabia bem por que vapores e ria com eles, ia no turbilhão em que se rasgavam com as esporas as saias das senhoras. Ouvia-os em desconexas frases, de olhos acesos, na famosa sala da Ajuda, onde vivera algumas horas felicissimas, na embriaguês da gloria mais que do *champagne*, porque era sobrio em publico, exemplar, para não pingar as Tres Ordens.

Movia-se mais na cama e era aquela neblina das sahidas, os rostos tristonhos, entrevistos de dentro da carruagem de gala, atravez das alas dos soldados que lhe apareciam, mas desfigurados, terriveis, assustadores, saindo das padarias destroçadas, clamando, assustadoramente, falando de mortes, de prisões, gritando revoltas.

— A libra... O baile da libra alta... A libra... 143\$000 réis...

Veiu-lhe uma semi lucidez e via, esfumaçadamente, o senhor ministro da Inglaterra tão alto como os mastros dos crusadores britanicos e com um rosto empalidecido que era uma esterlina quasi a desaparecer no esfumaçado por sobre o barco. E sua excelencia, sentia o balouço do mar, na sua cama régia e a sua voz, na maciesa dum sonho, balbuciava:

— Oxalá que não se tenha zangado muito por causa da *Portuguesa*...

A rua enchia-se de gente, de multidões; o berreiro atordoava-o, via caras congestionadas na sua frente, punhos fechados e acordava num sobressalto ao ouvir um grito intenso, retinido que não vinha da sua alucinação:

Às armas... Às ar... mas...

Saltou do leito, a cobrir-se num pijama, a encoleirar-se no grande cordão das Tres Ordens e carregou longamente a campainha.

— Que é isto?! Às armas... Às armas... o quê...?

O criado, na libré verde, barbeado, fresco, num olhar perfurante, disfarçando seu sorrisinho, voltou:

— Excelencia... É que estão a render a guarda...

Os grãos da „Seara Nova” e sua moagem

Os „Barrigas de Farinha,” e sua policia — Protesto dum senador — A Liga contra a moagem — Os ministros e os moageiros — Que vai fazer a „Seara Nova,”

Realmente quem ganha 170 mil contos, num ano, como a Moagem, tem direito a possuir uma policia propria. A Moagem paga-a e está bem informada. Ha, porem, um direito que não se lhe deve tolerar, é o de se acatarem seus agentes como autoridades do estado.

Sei, positivamente, que é concedida á Moagem esta singular regalia. Os seus empregados usam cartões de policias e estão em permanente contacto com os da Segurança do Estado. Não se dá um passo neste país de que não sejam avisados os omnipotentes senhores da república e ainda não está feita uma lei ou formado um projecto que não se saiba nos escritorios dos *Barrigas de Farinha*.

Exactamente como se fosse uma suzerania essa turba que nos rouba descaradamente tem uma policia para espionar e prender, ou indicar a outros que o façam. Já li em certo romance policial que uma quadrilha organisara tão bem a sua vigilancia em Paris que até empregados da Prefeitura faziam parte dela. Isso, porem, era num romance, talvez no *Rocamble*, lido na minha infancia. Sobre este assunto pode elucidar-me o senhor Antonio Maria da Silva.

Não é, porem, apenas neste ponto que nos pode valer. Tambem no outro — no da policia moageiral — devem ser precisas as suas informações.

Claro que a consciencia dos aludidos moageiros anda de tal maneira alarmada que não dispensa a espionagem, a qual entra nos meios operarios, nos bastidores, no parlamento, nas redações, nos cafés, paga melhor do que a policia oficial e esplendidamente serve os cavalheiros.

Eles, porem, tomam ares de bons principes e entendem-se com o estado do seguinte modo: os seus agentes contam o que veem, o que ouvem, o que sabem; em compensação obteem dos outros as noticias mais particulares. Deste modo, enfeudados á moagem, os homens do serviço secreto dispõem do seu talante de segredos que lhes servem depois como armas no momento em que desejam qualquer coisa. Geralmente não precisam desses argumentos porque tem ás suas ordens

os ministros, numa singularissima dependencia. Não sou eu que o afirmo na minha cruzada contra os senhores da moagem que desejo apenas menos gananciosos, visto nem seus nomes conhecer ou pretender apontar a um possível desforço da população, quem, sem ambages, o vem declarar é um jornalista e senador democratico, o senhor Julio Ribeiro, redactor principal da *Montanha*, órgão do P. R. P. no Porto. O aspecto das suas frases é mais claro do que o pão de primeira e o seu sabor tem o mesmo travo extranho daquela mercadoria de terceira, a dos pobres.

«— Sim, o momento não vai para paliativos — a não ser que desistamos de salvar a barca — afirma Julio Ribeiro, figura revolucionaria de apostolo, arrancada a velhos sistemas de filosofias politicas.

— Por conseguinte, o governo actual?

— Ora, o governo actual! E' ver, por exemplo o que tem feito o ministro da Agricultura!

O jornalista que, de pão, sabe apenas que precisa de o comprar todos os dias para não morrer á fome, e que tem feito entrevistas com algumas individualidades defensoras da obra do actual ministro da Agricultura, não poude refrear o seu espanto e inquiriu:

— Mas, então, por que condena a obra do ministro?

— Por que está favorecendo a moagem, esse Estado dentro do Estado.»

O Estado dentro do Estado!

Este parlamentar tem voz na sua Camara, tem espaço no seu jornal, tem a influencia dum membro cotado do partido democratico. Desde que pensa assim o seu dever é ir mais longe do que dar entrevistas a jornais honrados, quer dizer aqueles que aceitam — como succede ao *Diario de Lisboa* — os protesto contra os moageiros.

Não seria, talvez, difficil empregar elementos variados e de importancia para o combate que se impõe, primeiro a essa plutocracia e depois a outras. Dentro do partido democratico já está uma voz erguida, a deste politico e, quando eu assistia ás sessões municipais, ali ouvi mais duas ou tres de certa cotação entre os vereadores republicanos; no partido nacionalista Cunha Leal já marcou a arremetida, entre os monarchicos e tanto é ponto assente a iniciar essa lucta que Carvalho da Silva a annunciou e Pizarro marcou que «não se deviam consentir os moageiros no partido», tão pernicioso é a sua acção. A C. G. T. estaria neste combate de alma e coração, podemos garanti-lo como uma profunda certeza e do mesmo modo alguns homens do partido radical. E o governo? Não seria difficil move-lo a um acto de seguro feito e de pronta libertação.

Como?

O grupo da *Seara Nova* à qual preside uma figura semibiblica em seu aspecto e apostolado, possui quasi uma maioria ministerial. Em vez da multiplicação dos pães, fez se a dos estadistas. Entre eles conta-se o da Agricultura, pacifico morador da Parede, onde recolhe cedo e de ar tão triste que parece ingerir diariamente meio quilo de massa em pão de 2.^a. E' este o individuo acusado. A *Seara Nova* tem que o salvar da masseira para onde o sr. Julio Ribeiro o arremeçou já e, por consequencia, será obrigado a conduzi-lo aos bons principios que ali se preconizam.

A *Seara Nova* é um evangelho de reivindicações e de acção de

justo equilibrio. Ali o senhor Ezequiel de Campos tem marcado o seu talante nas plutocracias e tanto que se creou logo um grupo de *Homens livres* para definir aqueles que não queriam prisões de especie alguma em negocios nem em politica. Boquejou-se até que um deles, exactamente o mais em fóco, o senhor Antonio Sergio, pertencia à Companhia Portugal e Colonias ou tinha com ela afinidade (*vide Correio da Manhã*); agora um parlamentar democratico afirma o convivio com a moagem a sua simpatia pela farinha do palido e abatido ministerial habitante da Parede, nostalgico e sonhador—vai sempre a dormir no comboio—que à *Seara Nova* mandou, em nome de suas espigas loiras, reformar a agricultura. Bastará que os delegados da Liga contra a moagem, da Cruzada da Farinha, entrem na Biblioteca, e em nome dos partidos, da C. G. T., dos muncipes, do povo, exponham o caso de que se trata: meta na ordem os moageiros.

Naturalmente—visto os reformadores terem bem afixadas as suas opiniões—decide-se, imediatamente, a questão pela preponderancia do grupo intelectual no ministerio. Nada menos de tres ministros saíam se no prazo de 24 horas não se resolvesse o problema do barateamento do pão antes de se fazer o inquerito aos processos dos moageiros e ás suas fortunas recentemente adquiridas.

Mais uma ideia que não terá soluções positivas porque a policia continuará a acolher os agentes da moagem, o senador a protestar no ar, os partidos a voejar e a *Seara Nova* a fornecer os seus melhores grãos para se triturarem nas rodas malditas da maquina do estado—moageiral de Portugal . . . e Colonias.

Os livros e as taxas do correio

As obras literarias e os preços do correio —
Uma idea magnifica de libertação — O que um
camarada da imprensa propõe aos poderes pu-
blicos — O pessoal dirigente do país e as letras
— Os pensamentos e as obras

Ha dias um moço camarada da imprensa, Sá Pereira, expunha, ao *Diario de Lisboa*, uma idea que merece todas as atenções dos literatos e editores, mas que, por isso mesmo, naturalmente não terá sequencia.

Tratava-se de eliminar as verbas pesadissimas do porte do correio que alcavalam as obras literarias e, substituindo-as por um unico selo chancelado pela Academia das Sciencias, formar, com o producto dessas estampilhas, um fundo destinado a premiar algumas obras de valor nos diversos generos de literatura e sciencia, o romance, a poesia, a historia, o tratado.

Deliberar-se-ia a importancia desse porte a qual, mesmo que fosse minguada, sempre daria, no fim do ano, uns tresentos ou quatrocentos contos, digna recompensa de quatro ou cinco livros considerados os melhores. Não seria difficil pôr em pratica este magnifico projecto, que honra o distincto jornalista, se estivessemos num país arrumado, disciplinado, ordenado. Em França, lançou-se a idea da fundação do ministerio das Letras que foi recebido com verdadeiro agrado e embora não se chegue à sua pratica, todavia, os governantes não deixam de proteger os artistas e os homens de letras garantindo-lhes sempre soluções dignas para os seus alvitres. O livro francês é o mais bem tratado do mundo e quando se alcança o exito nesse país é a riqueza que o acompanha. Não se rouba o pão da bôca ao literato que honra a sua patria para se dar mais uns centos de mil reis a alguns empregados telegrafo-postais, os quaes podem ser muito uteis mas não erguem à sua volta a menor admiração.

Mas já não é necessario falar da França. Basta encarar, com olhos de analyse, essa nossa vizinha Espanha que não contente com pagar largamente aos seus escritores ainda lança suas vistas para os estrangeiros com ofertas que mais nenhum país faz.

Agora mesmo a Prensa Grafica, importante empresa madrilena, na qual tem um grande logar o admirado José Francez, acaba de solicitar de escritores de toda a Europa, e até das Americas, algumas novelas para a sua coleção destinando-lhes preços que os cambios tornam ligeiros para

os espanhóis mas deveras apetecíveis para outros países de moeda depreciada: Austria, Alemanha, Portugal, as duas vencidas da grande guerra e um dos vencedores.

Alem disso Primo de Rivera, ante uma representação da imprensa relativa ao papel de jornais não se prendeu com as reclamações da poderosa *Papeleira* e autorisou a sua importação livre de direitos bem como o destinado a revistas. Em Portugal, as revistas que tratam da expansão do país no estrangeiro, que conduzem ao Brazil e à California as noticias graficas da nação são sobrecarregadas com 1500 reis de direitos de papel, pois o decreto não as isentou, ainda com uma importancia colossal de selos o que as torna carissimas não só naquelas regiões mas até nas nossas proprias colonias. Do livro nem se fala. Tem um imposto proibitivo e ao mesmo tempo que isto sucede os outros povos juntam-se e deliberam entre si facilitarem a expansão maior das suas obras literarias.

Porque tudo isto é assim a idea de Sá Pereira não caminhará embora um grupo ousado a tome e a imponha. Seria preciso primeiro baratear os direitos do papel, de seguida entrar na combinação postal como succedeu em Italia, Espanha, Brazil e republicas sul americanas, que fizeram entre si um explicito tratado pelo qual os livros e os jornais passam de Roma ou de Madrid, de Milão ou de Barcelona para Buenos Aires, Rio de Janeiro, Lima ou Tenerife com selos eguais aosque se empregam para as encomendas literarias, seus os prospectos ou pesados volumes, por exemplo de Santander para Valencia ou do Rio para S. Paulo.

Perguntar-me-ão porque não entrou Portugal nessa convenção?

Ter-se-fam esquecido do nosso país as nações reunidas para realizarem essa obra? Pelo contrario. O nosso governo foi insistentemente convidado, em 1916 ou 1917, para mandar os seus delegados a Madrid, onde a assemberam os representantes dos outros povos, e a resposta foi a ausencia.

Naturalmente, nessa hora em que se tratava de tão grandes interesses, não contava para os governantes portugueses. Estava-se diante de uma questão de livros, de jornais, de literatura e para a quasi totalidade dos dirigentes nacionaes taes cousas não teem a menor importancia.

O pessoal maior da politica não se preocupa com questões literarias, nem mesmo lê. As excepções são, com mais meia duzia, os senhores Teofilo Braga, Antonio José de Almeida, Brito Camacho, Julio Dantas, Cunha Leal, Nuno Simões, Ribeiro de Carvalho, Artur Leitão, Leonardo Coimbra a dentro da republica como altos funcionarios alem de Santos Tavares, Mayer Garção, Enrique de Vasconcelos, Augusto Gil, João de Barros, João de Deus Ramos, Jaime Cortezão, Aquilino, Albino Forjaz, poucos mais entretem seus ocios nessas transcendencias. No Parlamento reina uma indiferença maxima por essas cousas e alguns deputados e senadores teem mesmo a impressão que os escritores são uma especie de boémios que vivem das esmolos dos livreiros e pedincham logares de amanuenses.

Cada vez que se trata de uma medida para os favorecer eles encolhem os ombros e horrorisam-se como se lhes falassem dos hungaros dos ursos. Se por exemplo um deputado — literato como o sr. Pina de Moraes, ou um senador — jornalista como o sr. José Pontes — lhes demonstram o contrario a maioria não acredita embora haja excepções honrosas na defeza da nossa classe como os srs. Herculano Galhardo, Paes Gomes, etc.

Com semelhante pessoal é difícil obter as desejadas tarifas entregues à Academia para distribuir aos mais cotados livros que se publiquem, o que não quer dizer ser impossível realisa-lo.

Mas para tal fim só se encontra o remedio na mesma receita que se deve aplicar ao resto do país até ao restabelecimento das suas faculdades porque Portugal está neurastenisado ou ebrio.

Carece duma tutela; duma assistencia, duma dictadura para o guiar, o tratar, o conduzir à sua antiga força, à sua acção, ao seu restabelecimento.

Nesse ponto, porem, os portuguezes divergem. Todos desejam a formula mas pretendem acrescentar-lhe alguma cousa e nesse acrescimo é que está a falencia. Põe diante da palavra *dictadura* aquilo que lhes agrada — conservadora, radical, proletaria, em vez de Nacional. É o mesmo que ter tão luminosa idea, como essa dos selos applicados ás obras literarias, num país onde cada um tem tanta inveja dos pensamentos dos outros que o seu maior prazer é oculta-los, mesmo quando se podem beneficiar. É este o caso de Sá Pereira, que foi generoso como um romantico de outras eras, numa sociedade onde o ruído do tamanco abafa o cantico dos rouxinóis.

Lendias... literarias

Uma página alegre — A acção critica do „pediculus capitis„ — Sete annos andou... — As grenhas e os seus hospedes

Em 1917 eu usava uma cabeleira senão romantica ao menos comprida e escrevia, no *Diario Nacional*, um folhetim historico, que teve voga, intitulado *Os Tavoras*, do qual devia nascer a minha obra, no prélo, *Pombal Pupilo dos Jesuitas*. Várias cartas de camaradas de letras, e, entre elas uma de Anibal Soares, marcavam como paginas intensas de vida e de côr, o capitulo da execução, conforme eu o encontrára num manuscrito. O romance era, como todos os folhetins, estenso e tinha, ao lado de trechos como aqueles, verdadeiros tropeços que a revisão da minha letra tornava em pedregulhos. Se um dia o publicar em volume hei de revê-lo cuidadosamente para salvar aquelas paginas e não repudiar êste filho da minha desdita literaria. Isto enquanto ao romance; em relação à cabeleira, pela qual principiei êste artigo, cortei-a, porque sentia por vezes certa cornichão, desusada em pessoa que se lava a capricho. enquanto a republica lhe deixar alguns vintens para agua. Devo dizer que, nesse dezembro, conspirava com o Machado Santos para fazermos a revolta que se deslågrou no dia 13 dêsse mês.

Fugi, debaixo de chuva, atascado em lama, fui procurar um abrigo e rapei o cabelo. Nessa altura, encontraram-me um insectosito que pertencia a uma especie nova, intermediaria entre o vulgar e o especial *pediculus capitis*. Tive que o classificar. E como julgo que o apanhei numa biblioteca, em certa vez que me demorei demais na sua sala, parece que o zoologo amigo o denominou não pela categoria do lugar onde habita mas pelas monomanias que o atacam, É o *pediculus liber*, segundo uns — o parasita do livro — mas outros teimam que se lhe pode dar qualquer nome grego. Ataca de preferencia as pessoas de letras conhecidas. Teofilo Braga já o teve diversas vezes, varios homens illustres lhe sentiram os efeitos e cada vez que alguém trata de *Tavoras* o bichinho revolve-se, arranja azas, pula, instala-se e não larga mais.

A razão porque eu senti na minha pobre cabeça a sugadeira, nasceu do romance historico daquele titulo. Exigia fidelidade nas descrições, queria as personagens rigidas, e, como nunca teve imaginação nem soube escrever, entrava — pobresito — a dar conselhos.

Marinhava pacientemente as escadas dos jornais, instalava-se nos redatores e apareciam o que êle titulava de criticas e eram larvas.

O *Diario de Noticias* ainda publicou qualquer cousa em que se tratava de Tavoras, depois, a pedido de varios leitores, encomichados com a lenga-lenga, esguichou-se o mercurio da falta de espaço, e mandou-se-me pedir desculpa do ataque, pelo qual não dera.

E' que andava pensando noutra cousa: na revolução de 5 de dezembro, que seria a sucessora da falhada. Estava em Viseu tratando com o prisioneiro de Fontelo. Soube que o insecto passára para outros jornais com sua teima, mas a receita do *Noticias* foi aplicada por varios colegas e uma grande paz me encheu. Já não me coçava.

Os tiros da Rotunda, as proclamações de Sidonio, a agitação, nem me deram tempo para me lembrar que, à custa do Estado, parasitando num lugar onde Ramalho Ortigão florescera, estava o meu pseudo-critico. Ele, tambem, julgando-me capaz de procurar investigar de seus meritos, numa epoca em que me seria facil ir até onde quizesse, pautando-me por seus sentimentos, recolheu a uma calada medrosa. Passaram-se anos; julgava que o *pediculus liber* se sumira na grenha illustre de qualquer apeticida victima, quando deparei com palavras suas, a meu respeito, na *Epoca*. Ao cabo de sete anos, atravessando todas as fases, o insecto não desiste da sua suga-suga e vem, em notasitas minusculas, que naturalmente escaparam aos redatores, repisar que eu fiz várias *historias* no meu romance historico.

Imagina êste animalculusito, que escrever uma novela é o mesmo que passear nas cabeleiras alheias. Camilo, quando escreveu o *Regicida* e a *Filha do Regicida*, estava bem servido se fosse procurar realidades. O ambiente historico é largo nesta especie de trabalhos e noutros em que se trate do passado, que nenhum dêsses critiquetes é capaz de evocar com alguma forma e com nervos. Limitam-se às passeatas nas florestas capilares e na ferroada.

Mas, por acaso, o que êle citou como êrros, estão devidamente documentados. A marquesa de Tavora (nova), viveu muito tempo em casa da sogra, no Cruseiro, no periodo das entrevistas com o rei e ia ter com ela a casa de Pedro Teixeira.

A execução foi no Cais de Belem, que era junto ao grande palacio dos duques de Aveiro, onde se ergueu depois o que outro insecto, êsse camarario, chamou o Padrão Liberal. É que as casas de Aveiro chegavam até aos Arcos de Belem.

Meteu-se com outras pessoas, no seu artigo da *Epoca*, o mesmo que, ha sete anos, andava à procura de colocação. A resposta aí fica em honra do jornal onde finalmente ele encontrou acoôlh, neja do antigo habitante da nossa cabeça, já tão escandecida pela labuta. Ele não faz mais nada do que parasitar na papelada à custa duns nadinhas, para se atirar aos que conquistam uma repartição e à custa dos quais pretende chamar as atenções para a sua prosa de official de diligencias, ao levantar um auto, a que os juizes não dão seguimento.

Já uma vez topando na Rua do Ouro, oparadoxo vivo — pois jámais se viu espiolhador de sua raça — lhe expuz num tom, que é muito do meu feitio, aquilo que entendi.

O ser estranho que levou sete anos a ruminar a obra para de novo saltar para o meu cabelo — serve-se de valiosos manuscritos que lhe passam pelas mãos para fazer sua tarefa, mal imaginando existirem outros — como os que topei na Casa da Calçada (Provosende), em que se desmancham alguns de seus maleficos dizeres.

Isto, porém, foi um desabafo de hoje, apenas de hoje. Esgotou-se a prosa neste genero e a verrina neste campo. Quando se publicar os *Tavoras*, hão de os leitores reparar numa passagem dolorosa da edição que refundirei. É quando um personagem está sofrendo uma dôr cruciante entre a vida e a morte e os fisicos o pretendem salvar. Nisto, o homem estremece, sacode-se, agita-se, abre imenso os olhos, e, de braço estendido, aponta um individuo alto, de barba grande, meia grisalhante, que passa no corredor. Morre. Era um médico — bibliotecario pela escola da ilha, e cuja simples vista matava o meu pobre heroi e o nome, o nome, meu amigo, é o do meu perseguidor. Fica celebre ali. Não sei se é um anacronismo a existencia da escola do Funchal naquele tempo, mas, se a.sim fôr, cá espero a reprimenda do meu zoilo, que julgo acumular tambem tais profissões, e, desta vez, se pretendeu fixar sob um dos meus sovacos, o que me levou a agitar repetidas vezes o braço. Estou melhor. Já não o sinto. Talvez fosse para a cabeleira de mestre Teofilo.

Mrs. Alphonses do Terreiro do Paço?

Os lupaneres protegidos—A escravatura branca consentida—Bastidores dum governo civil—A limpeza necessaria—A residencia... sem moral nenhuma

O sr. dr. Pedro Fazenda é um homem de bem e foi o primeiro magistrado do districto. Da sua bôca saíram as seguintes e gravissimas revelações acerca do que se passa em Lisboa relativamente à prostituição:

«—É uma dôr de alma vêr algumas crianças que se entregam a essa vida...

— Ainda isso não é tudo... A escravatura branca ainda não acabou.

— Escravatura branca...?

— Eu tenho conhecimento de que existem, nalgumas casas duvidosas, mulheres sequestradas. Apesar de altas influencias, tencionava mandar fechar uma dessas casas no Largo de S. Domingos.

— Altas influencias?

— Dizem-me que essa casa e outras estão protegidas por algumas individualidades que já passaram pelas cadeiras do poder. Mas eu não me importava. Pois não se comprehende que essas casas estejam abertas todas as noites, bem como algumas tabernas que são verdadeiros antros de desordem.»

Quando um país chega à decadencia a que Portugal baixou não é de admirar que a infamia presida ás suas manifestações. Uma acusação, porém, se levantou e é preciso archiva-la para não se esquecer; é preciso profunda-la para se punir quem se collocou na situação imoral que o sr. dr. Fazenda referiu, naturalmente apoiado em informações officiais.

Existe, positivamente, em Lisboa a ESCRAVATURA BRANCA, isto é, mulheres exploradas por diversos individuos. Ha mais ainda: MULHERES SEQUESTRADAS, em casas PROTEGIDAS POR ALGUMAS INDIVIDUALIDADES QUE JÁ PASSARAM PELAS CADEIRAS DO PODER.

Quer dizer: os *mr. Alphonse* do Terreiro do Paço.

Como alguns dos meus leitores pódem desconhecer o teatro de Dumas filho e para que não façam juizos desarrazoados, neste caso, devo explicar-lhes que aquele *mr. Alphonse* é uma personagem do grande escritor francês a qual exercia o mister de *souteneur*, isto é: vivia à custa de mulheres perdidas. Era um rufião do genero daquelle que Rochefort viu num

presidio e cuja vaidade se marcava nestas palavras: Eu nunca trabalhei; elas é que me sustentavam e levavam cada sóva! Isto de mulheres só assim é que nos amam, cidadão Rochefort.

Pois bem ao que parece, não contentes de viverem à custa da república, ha entidades de alta categoria do regimen que senão allonsinam nos prostibulos, pelo menos lhes votam atenções protetoras.

Porquê? Por concuspiciência, por simpatia, por sociedade no negocio?

É que não me repugna absolutamente nada em acreditar que haja antigos ministros nessas comanditas.

Quando os homens deixam as cadeiras dos ministerios para irem tomar as das mesas de jogo não é de admirar que cheguem a todas as protervias.

Não se pode negar, toda a gente o sabe em Lisboa, que alguns dos nossos conhecidos homens publicos não detestam a roleta nem a banca francesa e no parlamento ha quem já tivesse deitado o dado num pano verde por officio. O vicio do jogo arrasta a todos os delictos, o impudor contagia esta sociedade extranhamente corrupta que tomou conta dos nossos destinos.

Mulheres sequestradas em lupanares! Casas de bordel protegidas por algumas individualidades que já passaram pelas cadeiras do poder.

É o cumulo. Depois de terem feito de Portugal uma batota, de nos terem conduzido a todas as humilhações diante do estrangeiro, de gerarem a fome e a subida tonta do cambio, de se amancebaram com os bancarroteiros, de conubiarem com os empresarios dos fornecimentos da guerra dão em proxonetos.

Ha tempo, à bôca pequena, numa conversa em certo *restaurant* elegante, alguém, que muito frequenta certos logares suspeitos, falava duma comandita em determinado alcouce e atirou alguns nomes sonoros da politica como cúmplices das imoralidades.

Não o acreditei. Imagino sempre que ha nesta nossa vida balburdienta uma fantasia péchosa, uma onda de odio a subir e que quando não se encontra qualquer cousa de positivo a lançar sobre os adversarios se inventa com a crueldade de barbaros remexendo seus allanges nos ventres dos inimigos.

Sabe bem a vingança e ninguem é mais vingativo do que o politico. Repito que não acreditei nessa revelação e só me lembrei dela agora ante as palavras que o ex-governador civil de Lisboa sublinhou ao deixar o seu cargo.

EXISTE EM LISBOA A ESCRAVATURA BRANCA. HA MULHERES SEQUESTRADAS EM CASAS PROTEGIDAS POR ALGUMAS INDIVIDUALIDADES QUE JÁ PASSARAM PELAS CADEIRAS DO PODER.

O sr. dr. Pedro Fazenda deve revelar o resto. O penultimo governador civil afirmou que Lisboa era um arsenal de bombas prestes a explodir, o ultimo declara que é um bordel oficial.

Eis os factos.

Estamos numa mansarda onde, como dizia Rochefort, a luz suja vem do alto como o mau exemplo. Vivemos ainda numa residencia sem moral nenhuma.

O meu fantoche e suas excelencias

os „Fantoches Officiais”

Parecerá uma fantasia mal conduzida o que se leu no *Baile da Libra Alta*. No fundo, é apenas uma craionagem sobre a qual se passou o esfuminho duma reflexão mais aturada ante o momento que o país atravessa e a festa bizarra que se realisou na Ajuda quando nem sequer havia uma data nacional—ao menos do regimen— a festejar, e no momento em que a libra subindo gerara o panico. Todos nós sentimos esse ameaço de perturbação nas nossas existencias, do descarrilar de nossas vidas entristecidas pelo que se passa no país. Cada oscilação do cambio gera uma perturbação tão grande como um abalo forte num cardiaco. Nunca se sabe, ao deitarmo-nos se acordaremos sem pão e como se uma onda louca nos perseguisse do mar irado até aos recifes das praias a esmagar-nos, a não nos deixar saída, ninguem pode fugir a essa eterna serie de negras surpresas que Portugal—tornado uma chã de alcapões—quotodidamente oferece aos seus habitantes.

Foi com os echos da festa de Ajuda e com o descalabro da nação que se compozeram essas paginas algumas tocadas de realidade e as outras de simbolismo. Tambem foi o mesmo pensamento de desolação ante o desmanchar do trabalho de tantos anos que surgiria, perante os maleficios do cambio, que levou o auctor dos *Fantoches*, convidado para o *raout* como director do *A B C* e como vereador municipal—logar em que não serve ha meses—a enviar a seguinte carta ao senhor Chefe do Protocolo da Presidencia da Republica.

Recebi o duplo convite que V. Ex.^a me enviou para assistir ao raout que se realisa amanhã em Ajuda. Ser-me-ia muito grato comparecer nessa festa, correspondendo à gentileza de Sua Excelencia, mas na hora grave que o país atravessa e que se reflecte na vida colectiva da nossa existencia particular, o meu estado de espirito não me permite ir a festas embora tão brilhantes como decerto vai ser a do Palacio Nacional de Ajuda.

Agradecendo mais uma vez a atenção de Sua Ex.^a o Senhor Presidente da Republica, envio a V. Ex.^a, Senhor Chefe do Protocolo, os meus mais cordeais cumprimentos.

Era o que a correção mandava numa hora tragica em que as festas me apareciam como um sacrilegio. O resto, o *Baile da Libra Alta*, foi o que Roberto—endiabrado titere de meu convivio—viu, anotou, comentou e na sua vosita de falsete me disse ele, pequeno fantoche, aos grandes fantoches officiais espreitando.